

A esperança e a ameaça: a Revolução Cubana nos artigos e nas reportagens de Stefan Baciu (1958-1960)

*Hope and Treath:
Cuban Revolution in Stefan Baciu's
articles and reports (1958-1960)*

Caio César Cuozzo Pereira

Doutorando do Programa de Pós-graduação
em História na UFRRJ, Brasil
Pesquisador bolsista da CAPES
caiocuozzo@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0001-2303-8816>

Resumo: Stefan Baciu (1918-1993) foi um jornalista, poeta e tradutor romeno que viveu no Brasil entre 1949 e 1962. Nesse período, ele trabalhou e colaborou em diversos periódicos de jornalismo, principalmente desempenhando o cargo de redator. Partindo da premissa de que a imprensa se configura como um campo social, as pesquisas sobre a prática e o ofício do jornalismo formam uma área relevante da historiografia. O presente texto tem como objetivo analisar os artigos e as reportagens de Baciu sobre a Revolução Cubana, os quais foram publicados na revista *Maquis* entre 1958-60. Para tanto, propõe-se um panorama sobre Cuba, uma pesquisa sobre a trajetória de Baciu e de *Maquis* e uma análise sobre os seus textos. Através desse percurso, espera-se mapear e compreender as representações produzidas por Baciu sobre a Revolução Cubana.

Palavras-chave: Stefan Baciu; Revista *Maquis*; Revolução Cubana.

Abstract: Stefan Baciu (1918-1993) was a Romanian journalist, poet and translator who lived in Brazil between 1949 and 1962. During this period, he worked or collaborated in several newspapers or magazines. Starting from the premise that the press is a social field, the research on the practice and labour of journalism is a relevant area of historiography. This text aims to analyze Baciu's articles and reports about Cuba Revolution published in *Maquis* magazine between 1958-60. Therefore, this article proposes an overview of Cuba, a research on the trajectory of Baciu and *Maquis* and an analysis of their texts published in the magazine. Through this route, it is expected to map and understand the representations produced by Baciu about Cuba Revolution.

Keywords: Stefan Baciu; *Maquis* Magazine; Cuba Revolution.

Introdução

O presente texto tem como objetivo analisar os artigos e as reportagens do jornalista romeno Stefan Aurel Baciú (1918-1993) sobre a Revolução Cubana, publicados na revista *Maquis* entre 1958 e 1960. Tomando o jornalismo como um campo social atravessado por disputas concretas ou simbólicas (internas e externas), a premissa adotada é a de que os produtos da imprensa jornalística – editoriais, artigos, reportagens e notícias – não são neutros. Mas, sim, são marcados por processos de seleção e de enquadramento que devem ser considerados pelo historiador no seu ofício de pesquisa e na elaboração de suas análises. Como pontuou o sociólogo francês Pierre Bourdieu: “os jornalistas têm ‘óculos’ especiais a partir dos quais veem certas coisas e não outras; e veem de certa maneira as coisas que veem. Eles operam uma seleção e uma construção do que é selecionado” (BOURDIEU, 1997: 25).

Diante disso, a expectativa deste artigo é a de mapear e a de compreender as representações sobre a Revolução Cubana produzidas por Baciú em *Maquis*, bem como identificar possíveis modificações em tais representações no decorrer do recorte cronológico sinalizado. Em grande medida, esse trabalho investigativo foi motivado pela pesquisa dos historiadores Jacqueline Ventapane e Ricardo Mendes sobre a trajetória do jornalista estadunidense Jules Dubois e seus textos sobre a Revolução Cubana (VENTAPANE; MENDES, 2019). Como será demonstrado, algumas fontes sobre Baciú indicam similaridades entre o seu jornalismo e o de Dubois. A hipótese proposta é a de que Baciú buscou representar o pós-revolução como um momento de esperança e de expectativa pela redemocratização de Cuba, que levaria a Ilha a se aproximar internacionalmente dos Estados Unidos (EUA).

Para tanto, o artigo divide-se em quatro partes, além da conclusão. A primeira parte apresentará um panorama sobre Cuba – antes e depois da Revolução – a partir de contribuições da historiografia, mas sem possuir a pretensão de realizar um amplo levantamento bibliográfico. A opção por iniciar o texto desse modo justifica-se tanto pela necessidade de se ter uma base de informações referenciais sobre Cuba quanto por uma questão estilística. A segunda parte discutirá a trajetória de Baciú na Romênia e no Brasil, enfocando as suas relações políticas e sociais e o seu trabalho como jornalista até ser contratado por *Maquis*. A terceira parte compreenderá aspectos da fundação da revista em tela, de sua linha editorial e de seus produtores. Por fim, a quarta parte analisará os artigos e as reportagens de Baciú sobre a

Revolução Cubana, atentando para os personagens, os assuntos, as representações e os posicionamentos redigidos pelo jornalista entre 1958-60.

Cuba: um panorama histórico

A história contemporânea de Cuba foi marcada pela influência dos EUA em sua economia e em sua política, mesmo após a revogação da Emenda Platt (1933).¹ Os dados do comércio internacional cubano nos anos 1940 indicam que os EUA eram responsáveis pela compra de 67% dos produtos de exportação cubanos, principalmente o açúcar; paralelamente, 75% do que era importado por Cuba tinha origem estadunidense (RUAS, 2019: 39). Esse quadro se manteve relativamente estável na década seguinte, quando a Ilha experienciou a ditadura de Fulgêncio Batista. Entre 1952-58, as exportações cubanas para os EUA oscilaram quantitativamente entre 54% e 65%; e, no movimento inverso, as porcentagens giraram em torno de 59% e 69% no mesmo período (BANDEIRA, 2012). No cenário da América Latina, Cuba atingiu a posição de maior comprador de alimentos provenientes dos EUA no biênio de 1958-59 (AYERBE, 2004: 33).

No campo político, ao menos até 1958, os EUA forneceram armas a Batista para que ele mantivesse a repressão aos movimentos promovidos contra o seu regime (BANDEIRA, 2012). Tais movimentos, apesar de comungarem na oposição ao ditador, não eram homogêneos em seus ideais, sendo perceptíveis até mesmo divergências internas. O Movimento 26 de Julho (M26-7), liderado por Fidel Castro na guerrilha, surgiu do Partido Ortodoxo. Entretanto, existiam divergências táticas e políticas entre os seus membros que lutavam nos campos e nas cidades. O Diretório Estudantil Revolucionário (DER), aliado do M26-7 na luta armada, desejava depor Batista, mas parte de seus militantes não ambicionava por mudanças econômicas e sociais em Cuba (BANDEIRA, 2012: 214). Havia, ainda, os comunistas organizados no Partido Socialista Popular (PSP), então na ilegalidade. No decorrer dos anos de luta revolucionária, a direção do PSP expressou publicamente a sua divergência em relação às ações armadas do M26-7 e do DER (1953 e 1957, respectivamente). Apesar de ter destacado o heroísmo dos insurgentes em ambas as ocasiões, o PSP defendia que a estratégia ideal seria a composição de uma frente política unida de caráter pacífico. Nesse sentido, o PSP seguiu a orientação traçada pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS). O apoio do PSP à guerrilha só foi manifestado em março

¹A Emenda Platt (1901) estabeleceu que os EUA tinham o direito de intervir em Cuba, tendo como suas alegadas justificativas a manutenção da independência e da estabilidade cubanas (Karnal, 2007).

de 1958. O partido não abandonou o pacifismo mas, sim, aceitou a possibilidade da adoção de outras formas de luta para além daquela que ele preconizava (CALEGARI, 2019: 28).

Como se sabe, Batista fugiu de Cuba no despojar de 1959. Internamente, o período compreendido entre a sua queda e abril de 1961 foi caracterizado pelas disputas entre projetos políticos de sociedade para a Ilha, tanto o de ruptura com o capitalismo quanto o de manutenção da ordem liberal (RUAS, 2019: 40). Externamente, os EUA decidiram adotar uma posição moderada em relação à Revolução, em parte por temer insuflar sentimentos negativos contra si nas Américas. Entrementes, esse posicionamento se modificou gradativamente. Os julgamentos e as execuções de policiais e de militares acusados de torturas e de homicídios durante a ditadura; o discurso de Fidel Castro, que estabeleceu o governo revolucionário como equidistante do capitalismo e do comunismo; e a lei de reforma agrária, que limitou o latifúndio (caracterizado pela posse da terra por empresas estadunidenses), foram alguns dos eventos que suscitaram desconfianças e ações sobre Cuba por parte dos EUA (BANDEIRA, 2012).

Um exemplo da desconfiança, relativamente externo ao governo estadunidense, é o conjunto de artigos publicados pelo jornalista Jules Dubois. Ele foi um ex-militar que, à época, era presidente da Sociedade Interamericana de Imprensa (SIP) e escrevia artigos para os jornais *Chicago Tribune* e *O Globo*. Anos depois, investigações parlamentares e jornalísticas estadunidenses o apontaram como um associado da *Central Inteligency Agency* (CIA). Dubois produziu 34 reportagens entre 1958-60 sobre a Revolução Cubana (VENTAPANE; MENDES, 2019: 157-159). A partir de 1959, Dubois intensificou as suas críticas a Fidel Castro nessas reportagens. O seu argumento era o de que o governo revolucionário não promovia um combate à “infiltração comunista” no país, que, em sua opinião, estaria recrudescendo (VENTAPANE; MENDES, 2019: 162).

Longe de pretender esgotar as questões políticas, econômicas e sociais que envolviam Cuba e os EUA no pré e no pós-Revolução, o panorama apresentado permite entrever como a relação entre os dois países foi se deteriorando de 1959 em diante. Assim sendo, esse panorama auxiliará na análise dos artigos e das reportagens de Stefan Baciú. Afinal, enquanto Dubois escreveu em dois jornais sobre Cuba, Baciú fez o mesmo por meio de *Maquis* no mesmo recorte. Antes disso, faz-se imperativo compreender quem foi Baciú e quais eram as suas redes de relações internas e externas ao jornalismo.

Política, poesia e jornalismo

Stefan Aurel Baciú publicou ao menos duas obras de cunho autobiográfico. A primeira se configura na série de artigos “Recordações de minha primeira vida”, veiculada pelo jornal *Tribuna da Imprensa* na década de 1950. A segunda foi o livro “Lavrado 98”, publicado no Brasil em 1982. Por um lado, a série focalizou episódios de sua vida na Romênia. Por outro, o livro abordou o período em que ele residiu no Brasil, tendo como foco a experiência – de trabalho e de convivência – no *Tribuna*. Como é possível notar, as duas obras parecem formar um quadro interligado. Cumpre destacar que, o uso desse material como fonte envolve lidar com a questão da coerência narrativa artificial criada pelo relato autobiográfico. Ou seja, como uma história compreensível que abarcaria em si um começo, um meio e um fim, tendo como epicentro o sujeito biografado (BOURDIEU, 1998).

Além desse material, Baciú foi a pauta de uma notícia não assinada publicada pelo *Tribuna*. Por ela, apreende-se que ele nasceu em 29 de outubro de 1918, em Brasov, na Transilvânia, pouco tempo antes da região ser incorporada pela Romênia. Ainda jovem, Baciú começou a publicar poemas, atividade pela qual ele foi premiado pela Sociedade dos Escritores da Romênia (1935). Dataria desta década o seu ingresso no jornalismo, no cargo de redator. Baciú cursou o ensino superior na Universidade de Bucareste, pela qual ele diplomou-se em Direito e Letras. Em 1945, foi contratado pelo jornal *A Liberdade*, do Partido Social-Democrata Romeno (PSDR), para ser redator internacional e literário. No ano seguinte, aparentemente por causa de sua ligação com o PSDR, ele foi nomeado adido de imprensa na embaixada romena sediada na Suíça. Em 1949, Baciú pediu asilo político ao governo suíço e, posteriormente, imigrou para o Brasil (STEFAN... 1955: 8).

Segundo a notícia acima, a ordem para que ele se transferisse para a Bulgária teria motivado o seu autoexílio. Baciú repetiu essa justificativa em um dos seus artigos autobiográficos:

Em todas as Legações e Embaixadas dos países do Leste acontecia o mesmo fenômeno: o pessoal que tinha experiência, era afastado e substituído por elementos “políticos”, que nada sabiam da diplomacia e, frequentemente, não falavam nenhum idioma. Nós, os “antigos”, éramos tachados de “reacionários” e “lacaio” do Ocidente “decadente”, encontrando, em todas as oportunidades, caras amarradas e má vontade. Afinal de contas, isto era o normal. Os botocudos não podiam reagir de outra maneira. Para eles, “a luz vinha do Leste”. [...]

O ministro se levantou, cumprimentando-me com bastante polidez, o que muito me admirou, já que estava acostumado com outro tratamento, da parte dos seus subalternos. Sem convidar-me, porém, a sentar, disse à queima-roupa:

“O senhor está transferido para Sofia. Aqui, neste telegrama que acabo de receber, está sua transferência. Prepara-se para viajar”.

“Viajarei dentro de três dias”, respondi, sabendo perfeitamente que não ia fazê-lo (BACIU, 1956a: s/p.).

Tanto por esse artigo como pela notícia anterior, sabe-se que Baciú se casou com Mira Simian em 1945. Ela era filha de Dinu Simian. Na notícia, Dinu Simian foi qualificado como um político popular, prócer do Partido dos Camponeses e ex-Ministro da Justiça da Romênia (STEFAN... 1955: 8). Por seu turno, ao que parece, Mira Simian tinha um diploma da área da saúde. No artigo, Baciú mencionou uma carta de um amigo em que ele lhe pediu esse documento para que fosse possível conseguir um emprego de farmacêutica para a sua esposa (BACIU, 1956a: s/p.).

Esse trecho é um entre vários que sugerem que Baciú manteve relações sociais e profissionais com destacadas personalidades romenas. Um outro exemplo é o da sua alegada proximidade com o jurista Mihai Antonescu, o qual teria sido o seu professor na universidade e o seu companheiro em eventos culturais promovidos pelo grupo literário de Baciú. Este tratou a transição de Antonescu para a política como uma espécie de ponto de ruptura na relação que eles nutriam:

Quem assumiu o poder em setembro de 1940, proclamando-se “Chefe do Estado”, foi o então general, e mais tarde marechal, Ion Antonescu, grande soldado e patriota [...]. O general – um homem honesto, a quem a história deverá, um dia, fazer justiça – cercou-se, para formar um novo governo, de gente nova e de militares. Entre os novos, encontrava-se, na pasta da Justiça, o professor Mihai Antonescu... [...].

A cada dia nosso ex-amigo, meu antigo professor, pronunciava um discurso. Havia, agora, oportunidades mais numerosas, havia público mais seletivo do que as moças das cidades de província, e o Ministro da Justiça nada perdera de seu brilho. [...].

Pouco a pouco chegou a ser um dos homens mais importantes do regime (BACIU, 1956c: s/p.).

Esse certo sentido de oposição ao governo romeno – afirmado em momento posterior a aliança da Romênia com a Alemanha Nazista – também é notável nos seus artigos que abordaram a ocupação militar soviética após a deposição de Ion Antonescu em 1944 (e da prisão do seu ex-professor). Além da transferência para a cidade búlgara de Sofia, Baciú mencionou dois outros episódios distintos como justificativas para a sua decisão de abandonar o

seu país. O primeiro seria a censura aos seus artigos literários. O segundo seria a tentativa de prisão que ele sofrera, da qual ele disse ter escapado por causa da intervenção de um oficial do Exército de quem ele era amigo. Nesse encadeamento narrativo, a liberdade figurou como um valor primordial:

Deixamos tudo. Casa, família, situação, fortuna, país, tudo, enfim, que liga o homem à terra e à vida. Porque eu e minha mulher amávamos a liberdade. Certa manhã, na Legação da Romênia em Berna, o ministro que acabara de chegar de Bucareste me mostrou um telegrama.

“Está transferido para Sofia”, disse. Era tudo.

“Viajarei” – respondi. Mas sabia, perfeitamente, que não ia viajar. Mande uma carta apresentando minha demissão, renunciando, desta vez definitivamente, a tudo: casa, biblioteca, amigos e, sobretudo, à família. Fiquei na Suíça com minha mulher, pedindo asilo político, porque amava a liberdade. [...].

Chagas Pereira, Conselheiro da Legação do Brasil, insistiu para que fossemos para o Rio. Contou-nos muita coisa sobre o seu país, e contou com tanto calor humano, que resolvemos viajar.

Na noite de 14 de março de 1949, desembarcávamos, minha mulher e eu, na Praça Mauá. Porque eu amei a liberdade (BACIU, 1956b: s/p.).

Na década de 1970, residindo no Havaí (EUA), Baciú redigiu um livro de memórias sobre a sua trajetória no Brasil. Os dois capítulos iniciais da obra relatam basicamente as suas dificuldades para se sustentar no Rio de Janeiro entre 1949 e 1952. Baciú escrevia e vendia artigos literários e políticos para os jornais *Correio da Manhã*, *Diário Carioca* e *Diário da Noite*. Nesse último, ele usaria o pseudônimo “R. O. Mann” para assinar textos de crítica ao comunismo. No *Diário Carioca*, Baciú conheceu o jornalista Carlos Castello Branco. Em 1953, teria sido ele quem o convidou para trabalhar no *Tribuna*, jornal dirigido por Carlos Lacerda, no qual Baciú permaneceu até 1962 (BACIU, 1982).

Baciú colaborou ou foi empregado de outros periódicos da cidade (para além da revista *Maquis*), escreveu livros de poesia e assinou traduções de livros. Em 1955, na notícia sobre ele do *Tribuna*, comemorou-se a sua naturalização. O jornal atribuiu a alguns de seus produtores – Castello Branco, Lincoln Machado e João Duarte Filho – um papel determinante no êxito desse processo (STEFAN... 1955: 8). Também nesse período ele foi diretor do Centro Brasileiro Europa Livre (CBEL) e fundador da Associação Brasileira para a Defesa da Liberdade da Cultura (ABDLC). Em 1953, o CBEL apresentou as suas documentações ao governo brasileiro para poder funcionar legalmente (Apresentará... 1953: 5). Cerca de seis anos depois, o CBEL foi citado em um ofício sigiloso do Ministério da Guerra sobre as atividades de Wladimir Lodygenski no Brasil:

[Lodygenski] está ligado ao Grupo do Movimento da Europa Livre, cuja denominação certa é Centro Brasileiro da Europa Livre, dirigido pelo sr. Spitzman Jordan, Wladimir Lodygenski, Jean Valtin, Stefan Baciú, o major Karol, todos estes, sob a orientação do Ministro Mário Pires (do Ministério das Relações Exteriores). [...].

[Lodygenski] trabalhou e mantém ligações com o inspetor Cecil Borer, faz parte do grupo de comentaristas e fornecedores de matéria anticomunista, liderado no Brasil por Stefan Baciú e Jean Valtin, ambos do Serviço Secreto do Departamento de Estado Americano (BRASIL, 1959: 551-552).

O caso da ABDLC pode ser considerado como similar. Criada em 1958, a organização era vinculada ao Congresso Pela Liberdade da Cultura (CLC), este fundado em 1949. Michael Joelsson – um agente da CIA – dirigiu o CLC de 1950 a 1967. Além da CIA, instituições privadas como a Fundação Rockefeller e a Ford patrocinavam as suas conferências, os livros, os prêmios e os periódicos desenvolvidos pelo CLC. O objetivo da instituição era o combate ao comunismo nos campos cultural e jornalístico (DURÁN, 2014: 135). Na hierarquia interna do CLC, Baciú teria ocupado o cargo de secretário regional do Brasil (BACIU, 1982: 143). Essa posição aparentemente o subordinava ao ex-militante comunista Julien Gorkin, o qual seria secretário internacional em 1956 (ESTE... 1956: 42).

Baciú deixou o Brasil em 1962 e, em seu livro, relatou alguns acontecimentos que o motivaram. Em 1961, o *Tribuna da Imprensa* foi comprado pelo *Jornal do Brasil*. Segundo ele, essa aquisição fez com que o jornal modificasse a sua linha editorial e que ele fosse gradativamente aliado da tarefa de produzir artigos sobre política internacional. A sua outra frustração seria para com o CLC, pois a instituição estaria promovendo uma “abertura para a esquerda”, a qual ele seria desfavorável. Essas foram as razões que ele apresentou para justificar tanto a sua saída do *Tribuna* quanto a do CLC (BACIU, 1982: 142-144). Em setembro de 1962, Baciú deixou o país com a sua esposa e, posteriormente, se tornou professor de literatura romena na Universidade de Washington.

A fundação da revista Maquis e a participação de Baciú

A revista *Maquis* foi um periódico de linha editorial essencialmente dedicado à política. Inicialmente, ela foi uma espécie de panfleto clandestino editado pelo jornalista Fidélis dos Santos Amaral Netto, então redator econômico do *Tribuna*. Ou seja, um colega de trabalho de Baciú. Amaral Netto sustentou que começou a produzir *Maquis* como uma forma de protesto à censura à liberdade de imprensa após o contragolpe militar de novembro de 1955, o qual

garantiu a posse de Juscelino Kubitschek e de João Goulart (HISTÓRIA..., 1959: 20-23). Em 1956, ele lançou uma subscrição pública de ações para capitalizar a Editora Reforma, que criara com o propósito de editar *Maquis*. Amaral Netto conseguiu que personalidades da política e do militarismo se tornassem acionistas da editora. Como exemplo, podem ser citados os oficiais da Marinha Edmundo Amorim do Vale e Carlos Penna Botto; e os deputados da União Democrática Nacional Aliomar Baleeiro e Herbert Levy (ENTRE..., 1956: 3).

Amaral Netto lançou *Maquis* oficialmente em 05 de agosto de 1956. A data fazia uma espécie de homenagem ao major da Aeronáutica Rubens Florentino Vaz – guarda-costas de Carlos Lacerda assassinado nesse dia, dois anos antes. A revista circulou no Rio de Janeiro e em outras cidades do país entre 1956 e 1962. Assim, a sua existência abrangeu todo o governo JK, o efêmero governo Jânio Quadros e a adoção do sistema político parlamentarista no país, o qual permitiu a Goulart ser empossado após a renúncia de Quadros. Ela alternou o seu ritmo de publicação entre a periodicidade quinzenal e semanal até o seu fechamento. Geralmente, as suas edições tinham 48 páginas impressas em rotogravura. Segundo a revista, ela teve uma vendagem média de 50 mil exemplares em 1956 e foi distribuída entre quase mil cidades (Primeiro... 1957: 40-41). Ao que parece, o seu pico de tiragem foi o de 100 mil exemplares, montante divulgado em uma edição de 1957 (TIRAGEM..., 1957: 1). E, em 1962, ano do encerramento de sua publicação, o *Tribuna* divulgou que a última edição de *Maquis* teria uma tiragem de 20 mil cópias (DEFICIÊNCIA..., 1962: 3).

Cumprir destacar algumas considerações básicas sobre o jornalismo de *Maquis* no período compreendido entre 1956-58. A revista publicou inúmeras reportagens de supostas denúncias de corrupção contra JK e a sua equipe. Essa ênfase editorial na polêmica era atrelada a uma imagem de defensora da moralidade pública que *Maquis* constantemente evocava para si. Isso gerou algumas consequências para a revista, tanto no campo da imprensa como fora dele. Pouco tempo depois do seu lançamento, *Maquis* foi apreendida pelo Departamento Federal de Segurança Pública (DFSP) por estampar na sua edição nº 9 um manifesto político de Lacerda (DULLES, 1992: 250). Em 1957, a revista foi alvo de críticas de jornais do Rio de Janeiro após ter adjetivado o governo JK de “sindicato de ladrões”. Uma dessas reações foi a do jornal *O Globo* que, em editorial, a chamou de “sementeira de ódios” (SEMENTEIRA..., 1957: 1). O Ministro da Guerra Henrique Teixeira Lott, líder militar do contragolpe de 1955, foi outra personalidade

pública admoestada costumeiramente por *Maquis*. Por conta disso, Lott instaurou alguns processos judiciais contra Amaral Netto pelo crime de injúria (COMO... 1957: 45).

Por conseguinte, os expedientes de 1956 indicam que Amaral Netto contratou os seus colegas do *Tribuna* para trabalharem em sua revista, tanto na parte redacional quanto na administrativa. Um deles foi Baciú que, além de assinar a edição de lançamento, foi um dos redatores que por mais tempo permaneceu registrado no seu expediente – até 1960. Não se sabe se ele era próximo de Amaral Netto. Em seu livro, Baciú assim se referiu a ele e a *Maquis*:

[...] Amaral iria fundar um semanário chamado Maquis, onde muita gente da Tribuna foi trabalhar. Eu mesmo fui dirigir a seção internacional, cujo secretário, durante algum tempo, foi Araújo Neto, repórter esportivo da “velha Tribuna”. [...]. Comecei a trabalhar no Maquis com muito empenho. Mas, como não poderia deixar de ser, a ideia foi perdendo o élan. De semanário passou a bimensal, para logo depois fechar, apesar das várias fórmulas que Amaral procurava para prolongar-lhe a existência (BACIU, 1982: 110-111).

É possível que Baciú não tenha sido próximo de Amaral Netto, mas ele indicou que o era de outros produtores de *Maquis* (que também eram os do *Tribuna*). Convém destacar dois deles, porque ambos foram citados como participantes no processo de naturalização de Baciú – Lincoln Machado e João Duarte Filho. O primeiro ocupou os cargos de chefe de publicidade, gerente e secretário na diretoria de *Maquis* entre 1956-59. Inclusive, Machado foi um dos mencionados por Baciú em capítulo do seu livro de homenagem aos ex-colegas do *Tribuna*. O segundo foi um dos colunistas de *Maquis* entre 1956-57. Baciú destacou que Duarte Filho foi um dos que o motivaram a escrever as suas recordações sobre a sua vida na Romênia (BACIU, 1982: 119 e 174). Não se ignora a possibilidade de que outras razões – como a financeira – podem o ter levado a escrever em *Maquis*. O que é importante destacar é que, na revista, ele esteve junto de pessoas que conheceu anos antes e que, de algumas maneiras, o ajudaram no Brasil.

Baciú foi um articulista/repórter assíduo, principalmente entre 1957-59. A política internacional, essencialmente nas Américas e na Europa, e a literatura eram as suas pautas mais recorrentes. Um olhar panorâmico sobre os seus textos de política revela a sua posição anticomunista, principalmente pelo uso da ideia de liberdade como argumento. Apesar de Baciú ter se referido sucintamente a sua saída da revista, é possível supor que isso ocorreu em paralelo com a situação que ele alegou ter vivenciado no *Tribuna* com as mudanças na diretoria ocorridas entre 1960-61.

A esperança e a ameaça

Em março de 1958, pouco antes de *Maquis* anunciar que se tornaria uma revista semanal, Baciú assinou a reportagem intitulada “Fidel Castro: um bacharel contra generais”. Abaixo desta manchete, há uma fotografia de Castro na selva, fardado e armado com um rifle. Inicialmente, ele sustentou que Castro não era comunista e que ele tinha amplo apoio popular por representar as “genuínas aspirações” do povo desde o ataque ao quartel de Moncada (1953). Assim, a deposição de Batista seria tão somente uma questão de tempo. Seu único sustentáculo seria o Exército, que vinha combatendo a guerrilha com o suporte das armas recebidas dos EUA. Por outro lado, Baciú tentou contrabalancear essa questão. Ele elencou protestos políticos e sociais estadunidenses contra o apoio a Batista e sugeriu que o país não era a única fonte de armas do ditador:

Não constitui segredo para ninguém que Batista mata os patriotas do Movimento 26 de Julho com armas fornecidas pelos Estados Unidos.

Neste sentido fizeram-se ouvir, ultimamente, vários protestos norte-americanos. Enquanto na Câmara o representante Charles O. Porter dava um brado de alerta, intelectuais, artistas e cineastas encabeçados pelo velho líder socialista Norman Thomas lançavam veemente protesto em que denunciavam fato realmente estarrecedor: ao mesmo tempo em que o Departamento de Estado falava em democracia e na defesa desta democracia no hemisfério, o Pentágono permitia que suas armas entregues ao ditador cubano servissem para matar milhares de cubanos, cuja única culpa era sua posição pró-democrática e antitotalitária.

Naturalmente, nem todas as armas de Batista recebe provêm dos Estados Unidos. Luís Somoza Debayle, o ditador nicaraguense, declarou, durante uma entrevista coletiva, que vendeu, recentemente, armas “a um governo amigo”. [...].

Neste sentido, convém salientar fato dos mais pitorescos: representantes de Batista e de Castro costumam visitar simultaneamente certos fabricantes norte-americanos, comprando grandes quantidades de armas e munições que – depois – partem clandestinamente para Cuba, onde servem para fins opostos.

Desta maneira, a democracia do Tio Sam serve, admiravelmente, às vítimas e aos carrascos (BACIU, 1958a: 4-7).

Em abril, ele classificou como “[...] um trágico sinal dos nossos tempos” essa sua avaliação de que Batista recebia armas de uma democracia (EUA) e de ditaduras (Nicarágua e República Dominicana) para reprimir o M26-7. Indo além, Baciú afirmou que Batista estaria preparando a sua fuga para os EUA e que os seus familiares já tinham desembarcado no país. O jornalista sustentou que Batista fraudaria as eleições cubanas – convocadas para junho – para eleger o seu candidato e se manter no poder. Na contramão disso estaria Castro, que seria a favor da

organização de um governo provisório. Este, seria instituído após a deposição de Batista e promoveria eleições livres no país (BACIU, 1958b: 30-33).

Baciu também publicou uma entrevista com um grupo de estudantes exilados cubanos. Eles teriam emigrado para o Brasil após sofrerem violências policiais por terem desempenhado atividades no M26-7. No Rio, o grupo fazia protestos contra a ditadura e participava de eventos estudantis. De acordo com eles, Castro estaria para deflagrar uma nova ofensiva que demarcaria a queda de Batista. Após transcrever essa fala, Baciu concluiu a reportagem afirmando que “a opinião pública democrática do Continente aguarda com eles a chegada deste dia de festa” (BACIU, 1958c: 42-45).

Em 30 de março de 1959, o *Tribuna* publicou em sua primeira página uma nota do redator de plantão sobre Baciu. Este viajou para Havana a convite de Castro. A nota anunciou também que o jornal planejava publicar uma série de reportagens dele sobre o governo revolucionário (PREZADO..., 1959: 1). Após essa viagem, Baciu também começou a publicar em *Maquis* algumas reportagens sobre o pós-revolução, principalmente sobre a política cubana.

A primeira delas foi estampada na edição de 02 de maio de 1959, sob a manchete “Cuba livre sem *botella*”. Baciu elencou o valor da honestidade como uma marca distintiva do novo governo – ele estaria promovendo uma campanha contra a corrupção estatal, conhecida popularmente como *botella*, através da apreensão de bens de ex-colaboradores da ditadura. Para o jornalista, essa ação representaria um tipo de recuperação moral e econômica de Cuba. Por outro lado, existiria o “problema” do comunismo. Baciu listou três pontos que exigiriam a atenção do governo revolucionário: Ernesto Che Guevara e Raul Castro estariam supostamente facilitando o acesso de comunistas a postos-chave estatais; o “espírito democrático” cubano teria gerado imigrações de comunistas para Havana, gerando protestos internacionais; e, por fim, os comunistas intencionariam “explorar” politicamente a reforma agrária (se e quando ela fosse posta em prática). Baciu usou tais apontamentos para classificar o “problema” do comunismo em Cuba como “grave”. Contudo, ele criticou os “anticomunistas profissionais” que vinham adjetivando Fidel Castro de comunista. Isso seria um erro, pois era impossível provar que “[...] o líder do 26 de Julho pronunciou uma só palavra de espírito marxista”. O jornalista os acusou de estarem servindo aos propósitos do comunismo, pois, paralelamente, a imprensa soviética vinha publicando artigos “louvando” Castro. Baciu apresentou algumas propostas para obstaculizar a “infiltração”. Castro deveria formar um governo de união nacional que reuniria as forças de

oposição a Batista, sem a participação dos comunistas. Depois, Cuba deveria marcar eleições para os próximos anos. O M26-7 e as outras organizações de luta armada concorreriam então como partidos políticos. De todo modo, a sua avaliação geral do pós-revolução era positiva. No fim da reportagem, ele afirmou que Castro iria adotar “medidas positivas” que tanto fortaleceriam a Revolução – contra o comunismo – quanto integrariam Cuba “[...] à família dos povos democráticos do continente” (BACIU, 1959c: 32-34).

Pouco mais de um mês depois, Baciú publicou nova reportagem, intitulada “Comunistas cubanos tentam aproveitar-se da Revolução”. O jornalista alternou repetições dos argumentos anteriormente vistos com a proposição de duas espécies de denúncias anticomunistas. A primeira delas era a de que o periódico *Hoy* era o “órgão central” do Partido Comunista – o que, de fato, o jornal era (CALEGARI, 2019). Segundo Baciú, a linguagem empregada em *Hoy* apresentaria os mesmos “lemas”, “chavões” e “lugares-comuns” utilizados em periódicos da URSS. Assim sendo, *Hoy* estaria aumentando a sua tiragem para promover uma campanha “antiamericana” e “antidemocrática” nos meios urbanos e rurais de Cuba. Entre os objetivos dessa campanha estaria o de fomentar no povo uma imagem negativa em relação aos EUA.

A seguir, Baciú apresentou uma lista de dez nomes de supostos comunistas “infiltrados” no governo revolucionário – Joaquim Ordoqui, Carlos Rafael Rodríguez, Antônio Nuñez Jimenez, Nicolas Guillén, Luís Más Martín, Carlos Franqui, David Salvador, Victor Miranda, Miguel Quintero Ruano e Alfredo Guevara. Baciú apontou Rodríguez e Jimenez como técnicos da reforma agrária; Ordoqui atuaria como secretário de Fidel Castro; Guillén seria uma “espécie de eminência parda” de Che Guevara; Más Martín seria um historiador comunista que escrevia no jornal *Hoy*; Franqui seria o redator-chefe do jornal *Revolución*; Salvador seria um sindicalista e contaria com a colaboração de Ruano e Miranda; por fim, Alfredo Guevara seria o diretor do Instituto de Cinema (BACIU, 1959b: 34).

Entre esse grupo, sabe-se que Guillén, Ordoqui e Rodríguez foram membros da direção do PSP. Antes da Revolução, Salvador atuou como representante da *Federación Obrera Nacional* (FON), instituição sindical do M26-7. Por outro lado, Carlos Franqui era ex-membro do PSP, mas tinha se tornado um anticomunista (CALEGARI, 2019). De todo modo, para Baciú, esse grupo de dez pessoas formaria o “primeiro plano” da “infiltração” e tinha na reforma agrária a sua principal arma de luta:

Hoje em dia a reforma agrária cubana é o melhor “negócio” para os comunistas, de dois pontos-de-vista:

*I. Lutando a favor da reforma, os comunistas mantêm em todo o país um estado de agitação, tanto nos meios latifundiários, como entre os pequenos proprietários;
II. Apoiando camufladamente os inevitáveis descontentamentos, parcialmente por eles criticados, os comunistas fomentam a rebelião que poderá por em perigo a revolução, criando um estado de caos e anarquia (BACIU, 1959b: 34).*

Diante disso, Baciú sustentou que a Castro só restariam duas opções – ou promover uma operação de “neutralização e limpeza” contra os comunistas, principalmente os que ele considerava como pertencentes a alta hierarquia governamental, para conservar a “pureza” revolucionária ou não agir. Se Castro optasse pela inação, Baciú avaliou que o governo viria a ter que se sujeitar às ordens dos “dirigentes vermelhos” (BACIU, 1959b: 34).

Adiante, Baciú modificou o seu enfoque da denúncia anticomunista para o apoio a nomeação do professor e poeta Rafael García Bárcena para o cargo de embaixador de Cuba no Brasil. Sua reportagem buscou traçar um tipo de biografia de Bárcena, com ênfase em suas atividades de oposição à ditadura e seus efeitos. Entre elas, havia a fundação do Movimento Nacional Revolucionário (MNR) que atuou concomitantemente com o M26-7 na luta armada. Nesse sentido, Baciú atribuiu ao MNR a formatação do conteúdo “ideológico e doutrinário” da Revolução. O jornalista não se aprofundou nessa temática, mas definiu Bárcena como um líder da “esquerda democrática anticomunista” (BACIU, 1959d: 32-34).

Nos meses seguintes – agosto e setembro – Baciú publicou reportagens sobre outros países latino-americanos em *Maquis*. Cuba às vezes era mencionada, como no caso de sua denúncia de que a República Dominicana estaria financiando um exército para uma invasão ao seu território. Baciú afirmou que Cuba representaria um símbolo da luta antiditatorial e que, por isso, Rafael Trujillo a entenderia como uma ameaça (BACIU, 1959f: 32-34). Cuba voltou a ser a sua pauta principal em outubro. A reportagem novamente se concentrou em demonstrar que Cuba representava um símbolo da liberdade, uma antítese da ditadura. Baciú entrevistou Dora Rosales Westbrook e, na abertura do texto, ele destacou que ela era a mãe de Joe Westbrook – fruto de sua relação com um estadunidense. Joe Westbrook foi um estudante, membro do DER, assassinado pela polícia cubana em 1957. Segundo Baciú, a partir do homicídio ele teria se tornado um símbolo revolucionário da luta pela liberdade. Daqui em diante, o jornalista se limitou a transcrever o relato de Dora Westbrook sobre a morte do seu filho e sua posterior militância contra Batista dentro e fora de Cuba. A entrevistada frisou que Bárcena fora professor do seu filho e que Bárcena se referia a ele como o “apóstolo adolescente” (BACIU, 1959e: 32-33).

A última reportagem de Baciú em 1959 acerca da Revolução teve como assunto o desaparecimento de Camilo Cienfuegos durante uma viagem de avião. Baciú afirmou que Cienfuegos era um líder admirado pelo povo. Ele, Guevara e Raul Castro teriam se distinguido na guerrilha, mas seria Cienfuegos quem demonstraria ter maior prestígio entre os cubanos:

Talvez a explicação desse fato se encontre na sua filiação política violentamente esquerdista e, ao mesmo tempo, no fato de que Raul Castro não conseguiu ser um “barbudo”, simplesmente por não possuir barba, enquanto o “Che”, quase sempre atacado pelas suas crises de asma, com sua palidez e seu charuto, mais parece uma figura estranha, do que um líder popular.

Em troca, as longas barbas de apóstolo de Camilo, seu sorriso espontâneo e franco, transformaram-no em “número dois” do exército rebelde, em uma espécie de lugar-tenente “ex officio” de Fidel Castro, que se notabilizou não apenas por suas façanhas bélicas, mas também por seu ar autenticamente cubano, que se manifestava em uma conversa singela, sem “pose”, que quase sempre começava com o popular “mire, chico” (BACIU, 1959a: 33).

Na sequência, Baciú citou Jules Dubois. Este teria afirmado, em livro, que Guevara nunca fora membro do Partido Comunista. Entretanto, para Baciú, isso não invalidaria a sua desconfiança em relação a Guevara, pois ele “[...] nunca perdeu seu ar de conspirador marxista”. Baciú também afirmou que Raul Castro foi “politicamente doutrinado” na URSS. Na contramão de ambos estaria Cienfuegos, representado como um “homem do povo”. Para Baciú, Cienfuegos poderia ter tido uma posição ainda mais importante no governo cubano se possuísse “preparo” em política, ideologia, sociologia e economia. Depois de tais considerações, Baciú afirmou que as buscas pelo avião de Cienfuegos continuavam com a cooperação dos EUA (BACIU, 1959a: 32-34).

No decorrer do primeiro semestre de 1960, Baciú enfocou outros assuntos e ocasionalmente citava Cuba. Por seu turno, *Maquis* foi substituindo a expectativa positiva pela crítica em relação à Revolução. Em janeiro, a revista publicou uma retrospectiva de 1959. Um dos acontecimentos mencionados foi a reforma agrária cubana, classificada como “demasiado drástica”. Além disso, *Maquis* afirmou que as relações entre Cuba e EUA tinham se deteriorado no decorrer do ano (ANO., 1960: 32-34). Em março, o jornalista cubano Juan De La Calle publicou nela a sua denúncia de que a imprensa cubana era controlada por comunistas. Junto da reportagem, *Maquis* veiculou a seguinte nota:

Desde os primeiros dias de luta contra a ditadura Batista, MAQUIS tomou parte ativa no combate contra a tirania.

Inúmeras reportagens e artigos do nosso redator de política internacional, Stefan Baciú, são testemunho desta batalha.

Depois da queda do ditador, os comunistas se infiltraram em vários setores da revolução, notadamente no Exército, na Imprensa e na Reforma Agrária.

Um jornalista cubano democrata, de comprovada trajetória anticomunista, que não conseguiu publicar este trabalho na imprensa de Havana, exatamente por causa da pressão comunista, enviou o texto a MAQUIS, pedindo sua divulgação.

Os fatos, que falam por si, são verdadeiramente estupefacentes, e dificilmente alguém conseguirá provar tratar-se de meias-verdades ou de invenções.

Publicamos o documento do nosso colega cubano, certos de que, como sempre, estamos servindo à democracia e à liberdade (CALLE, 1960: 32).

No texto, Calle afirmou que a agência de notícias cubana *Prensa Latina* tinha sido financiada pelo governo revolucionário. Ela supostamente tinha acordos de trocas de informações com as suas congêneres do leste europeu e da Ásia. Com isso, *Prensa Latina* viria amparando em seu noticiário as iniciativas nacionalistas, neutralistas, desenvolvimentistas e “filocomunistas”. Assim, a agência seria um instrumento de propaganda soviético no continente americano (CALLE, 1960: 32-33).

Na edição seguinte, Baciú abordou a visita do presidente Dwight David Eisenhower (EUA) a países da América Latina. Ele classificou a viagem como “histórica” e concitou os “democratas” a comemorarem, pois a presença dele significaria um “atestado de morte” dos “totalitarismos de esquerda e direita”. Por outro lado, Baciú lamentou que a imagem de Fidel Castro tenha sido utilizada por manifestantes latino-americanos em protestos contra Eisenhower (BACIU, 1960a: 33).

Em junho, Baciú capitaneou a crítica a Cuba em *Maquis*. No mês anterior, Ramón Mercader – condenado, no México, pelo homicídio de Leon Trotsky – tinha sido libertado e viajara para Havana. De Cuba, Mercader teria sido levado por agentes comunistas tchecos para um destino incerto. Para Baciú, a concessão de um visto de trânsito cubano para Mercader seria uma “confissão” de que “[...] o marxismo está a ponto de liquidar os últimos vestígios do pensamento de José Martí, que tão generosamente havia influído sobre os rebeldes, na Sierra Maestra (BACIU, 1960b: 34).

Depois desse tipo de ruptura, Baciú não mais escreveu sobre a Revolução. De fato, a sua participação na revista como redator internacional foi diminuindo. A sua última reportagem assinada foi publicada em junho de 1960, na edição subsequente a qual ele comentou a viagem de Mercader. No que tange ao jornalismo de Baciú sobre Cuba, o contexto do segundo semestre de 1960 parece importante. Em junho, Cuba recorreu ao petróleo soviético em face da restrição da venda ao país causada por pressão dos EUA. No mês seguinte, houve a redução de 95% na

importação do açúcar cubano por parte do mesmo país. Por fim, em agosto, Cuba nacionalizou empresas estrangeiras e suas propriedades (AYERBE, 2002 :132). Enquanto Baciú se afastou do assunto, Cuba continuou sendo uma pauta relativamente importante para *Maquis*. Contudo, a falta de material assinado por ele na revista – sejam artigos ou reportagens – torna impossível afirmar que Baciú teve alguma participação nesse trabalho posterior.

Considerações Finais

Algumas considerações podem ser tecidas diante do percurso empreendido. Primeiro, acerca da trajetória de Baciú no jornalismo. Militante social-democrata na sua juventude e redator do jornal do partido, ele atribuiu ao comunismo a culpa pelo seu pedido de asilo e consequente imigração para o Brasil. Aqui, Baciú produziu inúmeras matérias jornalísticas anticomunistas, seja em *Maquis* ou em outros periódicos. Essas atividades se somam a sua participação em organizações anticomunistas que tinham como ideal a liberdade de expressão. Não se sabe se, nesse contexto, ele conheceu ou foi amigo de Jules Dubois. Por outro lado, Dubois foi uma referência citada por ele e parece que ambos faziam parte de um campo que reunia organizações, com elos nos EUA, que promoviam o combate ao comunismo. É possível supor que, em alguma medida, era dessa rede que ele colhia informações para o seu trabalho de redator internacional.

Segundo, na sua cobertura sobre a Revolução Cubana (1958-60), Baciú transitou da esperança para a repulsa motivado pela ideia de que existia uma ameaça comunista no país, a qual exigiria uma ação de contenção. Nesse sentido, os seus artigos e reportagens são similares aos de Dubois. A diferença entre eles parece ter sido sobre a figura de Fidel Castro. Baciú defendeu o líder do M26-7 mesmo após os acontecimentos que abalaram as relações internacionais entre Cuba e EUA em 1959. Para ele, Castro representaria a democracia (eleição livre e liberdade de expressão), mas experienciaria uma “infiltração” comunista ao seu redor. Outros líderes revolucionários foram descritos a partir dessa lógica dual – Bárcena e Cienfuegos como democratas e líderes de prestígio popular; Che Guevara e Raul Castro como comunistas que ameaçavam a “pureza” revolucionária e, simbolicamente, seriam menos admirados pelo povo.

No conjunto, é razoável afirmar que Baciú nutria a esperança de que Fidel Castro fizesse um movimento duplo, se acercando dos democratas e alijando os que divergiam dessa posição,

na interpretação do jornalista. Portanto, Baciú representou o pós-Revolução como um momento de esperança e de expectativa por um processo político de redemocratização de Cuba, o qual teria como um dos seus efeitos a aproximação internacional entre a Ilha e os EUA. Afinal, ele aspirou que Castro integrasse Cuba na “família” democrática das Américas.

Fontes

- ANO decisivo na história da humanidade (1960). *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-34, 09 jan. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/5802> Acesso em: 21 ago. 2023.
- APRESENTARÁ prova de aquisição de personalidade jurídica (1953). *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, p. 5, 04 mar. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_06/24449 Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1955), oficialmente brasileiro. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 8, 13 abr. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/20899 Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1956a). Fracasso da “operação garage”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, s/p., 26 jan.. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/25952 Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1956b). Nos caminhos do mundo, em busca da liberdade. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, s/p., 06 jan. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/25596 Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1956c). Porque foi fuzilado o meu professor. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, s/p., 23 jan. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/25876 Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1958a). Fidel Castro: um bacharel contra generais. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 4-7, mar. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/1830> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1958b). Lei da selva em Cuba e no Paraguai. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 30-33, abr. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/1952> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1958c). Os “muchachos” de Fidel Castro. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 42-45, jul. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/2445> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan. (1959a). Camilo: um dos mais misteriosos casos do Caribe. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-34, 14 nov. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/5482> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan. (1959b). Comunistas cubanos tentam aproveitar-se da revolução. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-34, 27 jun. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/4680> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan. (1959c) Cuba Livre sem *botella*. *Maquis*, Rio de Janeiro, pp. 32-34, 02 maio. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/4360> Acesso em: 21 ago. 2023.

- BACIU, Stefan (1959d). Embaixador da Revolução Cubana no Brasil: Rafael García Bárcena. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-34, 11 jul. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/4760> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1959e). Joe Westbrook Rosales: o apóstolo adolescente. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-33, 17 out. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/5320> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1959f). Trujillo prepara a guerra nas Caraíbas. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-34, 18 jul. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/4800> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1960a). Operação Amizade: pequeno balanço de uma grande viagem. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-33, 19 mar. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/6202> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan. (1960b). Os herdeiros de Stalin e o assassinio de Trotsky. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 34-35, 04 jun. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/6604> Acesso em: 21 ago. 2023.
- BACIU, Stefan (1982). *Lavradio 98. Histórias de um jornal de oposição: a Tribuna da Imprensa ao tempo de Carlos Lacerda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- BRASIL (1959). Arquivo Nacional. Fundo: Conselho de Segurança Nacional. Notação: Documentos Sigilosos (diversos). Código: BRDFANBSB N8.0.PSN, EST.654, pp. 551-552. Disponível em: http://imagem.sian.an.gov.br/acervo/derivadas/br_dfanbsb_n8/0/psn/est/0654/br_dfanbsb_n8_0_psn_est_0654_d0001de0001.pdf Acesso em: 21 ago. 2023.
- CALLE, Juan De La (1960). Prela (de Havana) sucursal da TASS na América Latina. *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 32-33, 12 mar. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/6162> Acesso em: 21 ago. 2023.
- COMO vão os processos de Maquis. (1957). *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 45, mai. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/116521/861> Acesso em: 21 ago. 2023.
- DEFICIÊNCIA financeira tira Maquis das bancas (1962). *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, p. 3, 03 mai. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/9436 Acesso em: 08 set. 2023.
- ENTRE os 502 brasileiros que já são acionistas da Editora Reforma S.A., em organização, figuram. (1956). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 3, 17 mai. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/27973 Acesso em: 21 ago. 2023.
- ESTE homem escolheu o assassino de Trotsky (1956). *Maquis*, p. 42-44, set. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/136> Acesso em: 21 ago. 2023.
- HISTÓRIA de duas histórias (1959). *Maquis*, pp. 20-23, 20 jun. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/4628> Acesso em: 21 ago. 2023.
- PREZADO leitor (1959). *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, p. 1, 30 mar. Disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/154083_01/44839 Acesso em: 21 ago. 2023.
- PRIMEIRO relatório das atividades da Editora Reforma S.A. – 1956. (1957.) *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 40-41, mar. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/663> Acesso em: 05 set. 2023.
- SEMENTEIRA de ódios (1957). *O Globo*, Rio de Janeiro, p. 1, 12 abr.
- TIRAGEM deste número 100.000 exemplares (1957). *Maquis*, Rio de Janeiro, p. 1, maio. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/116521/817> Acesso em: 21 ago. 2023.

Referências Bibliográficas

- AYERBE, Luís Fernando (2002). *Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia*. São Paulo: Editora UNESP.
- AYERBE, Luís Fernando (2004). *A Revolução Cubana*. São Paulo: Editora UNESP.
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz (2012). *De Martí a Fidel. A Revolução Cubana e a América Latina*. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BOURDIEU, Pierre (1997). *Sobre a televisão*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- BOURDIEU, Pierre (1998). A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p. 183-191.
- CALEGARI, Ana Paula (2019). Da Frente Única à Sierra Maestra: os comunistas cubanos nos últimos anos da luta insurrecional em Cuba, 1957-58. In: SALES, Jean (et al.). *Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates na América Latina*. Aracajú: Editora IFS, p. 12-37.
- DULLES, John (1992). *Carlos Lacerda: a vida de um lutador (1914-1960)*. Vol. I. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- DURÁN, Francisco Javier Ruíz (2014). El Congreso por La Libertad Cultural, visto desde las dinámicas de la Guerra Fría. *Memoria y Sociedad*. Bogotá, v. 18, n. 36, pp. 134-148. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/meso/v18n36/v18n36a09.pdf> Acesso em: 02/11/2023.
- KARNAL, Leandro (2007). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto.
- MENDES, Ricardo & VENTAPANE, Jacqueline (2019). Jules Dubois: imprensa e ativismo político nos anos da Revolução Cubana. In: SALES, Jean (et al.). *Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates na América Latina*. Aracajú: Editora IFS, p. 146-169.
- RUAS, Luís Eduardo Mergulhão (2019). Cuba: os caminhos do Poder Popular e as reformas políticas. In: SALES, Jean (et al.). *Revolução Cubana: ecos, dilemas e embates na América Latina*. Aracajú: Editora IFS, p. 146-169.